

Dossiê Temático

Logoterapia e Análise Existencial: Teorias e Práticas Interdisciplinares

Gilvan de Melo Santos

Tatiana Cristina Vasconcelos

Organizadores

A presente Sessão Temática estrutura-se como um espaço de interlocução rigorosa entre fundamentos antropológicos, reflexão filosófica e práticas clínicas e educacionais inspiradas na obra de Viktor E. Frankl (1905-1997). Ancorada na Logoterapia e Análise Existencial (LAE), a sessão pretende explorar a centralidade da vontade de sentido enquanto categoria constituinte da existência humana, articulando seus desdobramentos na clínica, na educação, na filosofia, na saúde mental, nas políticas públicas e nas práticas de cuidado interdisciplinar.

A Análise Existencial proposta por Frankl fundamenta-se em alguns pressupostos estruturantes de sua antropologia: 1. O ser humano é um ser *biopsicoespiritual*; 2. O ser humano é *espiritual*; 3. O ser humano é *livre*; 4. O ser humano é *responsável*; 5. O ser humano se encontra numa tensão entre o *SER* e o *DEVER-SER*; 6. O ser humano *busca o sentido*; 7. *A vida tem sentido*; 8. O ser humano é um *HOMO PATIENS* (Prefácio de Marino *apud* FRANKL, 2019a, pp. 13-20, grifos da autora).

Ao postular o ser humano como unidade biopsicoespiritual, irredutível a determinismos biológicos ou sociológicos, Frankl rompe tanto com o psicologismo quanto com o sociologismo, oferecendo uma antropologia que preserva a dimensão espiritual como constitutiva e não acessória. Sua ontologia dimensional afirma a singularidade, a liberdade, a responsabilidade e a autotranscendência como traços estruturais do ser humano (Frankl, 1978; 1984; 1991). Essa concepção antropológica e ontológica permite pensar a pessoa de modo profundo e inequívoco porque recusa reducionismos e pandeterminismos e reafirma a vontade de sentido como a principal força motivadora do ser humano, mesmo quando este se encontra fragilizado pelo sofrimento, pela culpa ou pela morte, esta tríade trágica do destino.

A Logoterapia, enquanto versão psicoterápica da Análise Existencial, tanto como um método psicoterapêutico, como uma hermenêutica da existência, sustenta-se em técnicas específicas e em práticas interdisciplinares orientadas pela visão de pessoa na qual a liberdade, a responsabilidade, os valores e a busca de sentido, mobiliza o paciente ou a pessoa, em seu espaço clínico ou cotidiano, a abrir-se a algo ou alguém, para além de si mesmo. Sob esta visão antropológica e esta prática psicoterápica, a Logoterapia e Análise Existencial se enraízam em fundamentos teóricos e experiências concretas, projetando-se em espaços clínicos e sociais, em horizontes éticos e formativos e em múltiplos campos do saber, tendo como base a vida e a obra de um dos maiores humanistas e teóricos da psicologia do século XX.

Ademais, desejamos ampliar a compreensão acerca da biografia de Viktor Emil Frankl que costuma ser sintetizada a partir de sua experiência nos campos de concentração, mas que se estende para aquém e para além deste tempo. Defendemos que reduzir sua trajetória a esse episódio, ainda que decisivo, obscurece a densidade de suas práticas sociais anteriores e posteriores, bem como a coerência existencial que

atravessou sua vida. Desde muito jovem, Frankl não apenas pensou o sentido, mas organizou sua própria existência em torno de tarefas concretas que expressavam responsabilidade social e capacidade de decisão.

Ainda estudante de medicina em Viena, na década de 1920, Frankl dedicou-se ao trabalho com jovens em situação de sofrimento psíquico. Em um contexto marcado por crises econômicas e altas taxas de suicídio juvenil, organizou Centros de Aconselhamento gratuitos para estudantes, especialmente no período de divulgação dos resultados escolares, quando aumentavam os casos de autoextermínio. Essa intervenção preventiva, realizada em articulação com escolas e serviços públicos, resultou, segundo registros da época, na drástica redução da taxa de suicídios entre jovens atendidos. Trata-se de um aspecto pouco enfatizado: antes mesmo de sistematizar a Logoterapia e Análise Existencial, Frankl já atuava em uma perspectiva comunitária, entendendo o sofrimento como fenômeno existencial inserido em contextos históricos e sociais concretos (Pintos, 2007).

Durante sua atuação no Hospital Geral de Viena, especialmente na ala destinada a mulheres com risco de suicídio, Frankl desenvolveu práticas clínicas orientadas não apenas pela escuta psicodinâmica, mas por uma convocação à responsabilidade diante da vida. Em vez de limitar-se à análise de conflitos intrapsíquicos, buscava identificar, com cada paciente, tarefas, vínculos ou valores que ainda pudessem ser assumidos como resposta singular no mundo. Essa postura revelava uma ética do cuidado que articulava técnica e compromisso existencial.

Outro aspecto menos explorado refere-se à sua decisão de permanecer em Viena quando recebeu visto para emigrar aos Estados Unidos, em 1941. Sabendo do avanço do regime nazista e do risco iminente para sua família judaica, Frankl (1984) optou por não partir, interpretando esse gesto como resposta a uma responsabilidade filial. A narrativa posterior frequentemente enfatiza o sofrimento nos campos, mas essa escolha prévia já expressava, de modo concreto, sua compreensão do sentido como resposta a uma situação histórica determinada. Após a libertação, sua prática social ampliou-se internacionalmente. Frankl não se restringiu à clínica privada ou à produção acadêmica; proferiu conferências em universidades, instituições médicas e espaços inter-religiosos, buscando dialogar com diferentes tradições culturais. Sua concepção antropológica e clínica foi aplicada em contextos educacionais, hospitalares, penitenciários e até mesmo em ambientes corporativos. Em diversas ocasiões, enfatizou que a vontade de sentido não era privilégio de sujeitos em sofrimento clínico, mas dimensão constitutiva da existência humana em qualquer campo social.

Também merece destaque sua crítica ao niilismo cultural do pós-guerra. Frankl (2019b, p. 151) interpretou o aumento de quadros depressivos, adições e comportamentos autodestrutivos como manifestações de uma “tríade da neurose de massa”. Sua atuação, nesse sentido, pode ser compreendida como uma forma de intervenção cultural: ao insistir na responsabilidade e na autotranscendência, oferecia não apenas uma técnica psicoterapêutica, mas um horizonte ético para sociedades marcadas por desorientação axiológica.

A vida de Frankl foi, portanto, repleta de sentidos não no sentido de uma trajetória linear ou isenta de tragédias, mas na medida em que cada etapa foi assumida como tarefa ou missão. Seu envolvimento com jovens em risco, sua permanência ao lado da família, sua prática hospitalar com pacientes mulheres suicidas, sua reconstrução intelectual após a perda quase total de seus manuscritos nos campos, e sua atuação global posterior às mortes de entes queridos, incluindo pai, mãe, irmão, esposa e filho, configuram uma biografia atravessada por otimismo trágico. Em sua própria formulação, o sentido não é algo abstrato

a ser descoberto em situações concretas, mas algo objetivo a ser preenchido por ações responsáveis. Sua vida, nesse aspecto, constitui uma encarnação prática de sua antropologia: o ser humano como aquele que, mesmo condicionado, permanece capaz de responder.

Frankl (1978; 1991) sustenta que a existência humana conserva, mesmo sob condições extremas, a capacidade de assumir uma atitude diante do destino, destacando a liberdade e a responsabilidade como núcleos irredutíveis da pessoa humana. Tal concepção não se limita a um testemunho autobiográfico, mas fundamenta uma perspectiva teórica segundo a qual o ser humano é orientado para algo que o transcende, seja um sentido a realizar, seja um outro a amar ou um sofrimento inevitável a enfrentar. Do ponto de vista psicoterapêutico, tal fundamento não permanece no plano especulativo, mas se traduz em técnicas concretas, como o diálogo socrático, a intenção paradoxal e a derreflexão. Desta forma, os textos reunidos neste conjunto de artigos evidenciam a vitalidade contemporânea da Logoterapia e Análise Existencial, demonstrando sua capacidade de dialogar com múltiplos campos da experiência humana. Longe de restringir-se ao contexto clínico, suas ideias revelam-se como uma matriz teórica e prática apta a iluminar fenômenos culturais, educacionais, comunitários e subjetivos que atravessam a sociedade contemporânea.

Em conjunto, os trabalhos trazidos nessa Sessão Temática demonstram que a Logoterapia e Análise Existencial não pertencem apenas ao século XX. Elas oferecem instrumentos conceituais e práticos para compreender desafios contemporâneos como niilismo cultural, crise de valores, polarização social, desumanização tecnológica e fragilização dos vínculos. Ao mesmo tempo, revelam que o sentido não é uma abstração metafísica, mas uma realidade concreta que se manifesta na cultura, no esporte, na educação, na família e na vida comunitária. Entretanto, a amplitude dessas aplicações também indica a necessidade de aprofundamentos teóricos e metodológicos. A interlocução entre a psicologia e outras áreas como sociologia, antropologia, educação, estudos culturais e políticas públicas, requer sistematizações mais densas, pesquisas empíricas ampliadas e refinamento conceitual que evite reducionismos ou usos superficiais de categorias criadas e recriadas por Viktor Frankl.

Diante disso, convidamos os/as leitores/as não apenas à leitura atenta dos textos apresentados, mas também à continuidade do diálogo. A tradição existencial inaugurada por Frankl permanece aberta, exigindo novos escritos, novas pesquisas e, sobretudo, novas práticas comprometidas com a dignidade da pessoa humana. Estudar a Logoterapia e Análise Existencial é, ao mesmo tempo, exercício intelectual e posicionamento ético: trata-se de pensar e agir a partir da convicção de que, mesmo em meio às crises de nosso tempo, a vida conserva um sentido passível de ser descoberto ou concretizado.

Referências

FRANKL, Viktor E. **Fundamentos antropológicos da psicoterapia**. Tradução de Renato Bittencourt. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

FRANKL, Viktor E. **Em busca de sentido**: um psicólogo no campo de concentração. Tradução de Carlos C. Aveline. Petrópolis: Vozes, 1984; 2019b.

FRANKL, Viktor E. **A psicoterapia na prática**. Tradução de Cláudia M. Caon. Campinas: Papirus, 1991.

FRANKL, Viktor E. **O sofrimento humano: Fundamentos Antropológicos da Psicoterapia.** Tradução de Renato Bittencourt e Karleno Bocarro. São Paulo: É Realizações, 2019a.

PINTOS, C. G. **Un hombre llamado Viktor.** Buenos Aires: San Pablo, 2007.